



## NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL VINICIUS DE MORAES, DE PALMAS, NO TOCANTINS

Nayjla Lane Ramos Gonçalves\*  
Jocyléia Santana dos Santos\*\*  
Daniela Patrícia Ado Maldonado\*\*\*

**Resumo:** A presente pesquisa aborda a temática de violência na escola, mais especificamente em uma escola de educação de tempo integral, com o objetivo de compreender os tipos de violência que se encontram nesse espaço escolar e as ações utilizadas pela escola para lidar com o problema. O levantamento dos tipos de violência que acometem a escola é relevante para compreender como eles afetam a comunidade escolar dessa modalidade de ensino, para então pensar em ações possíveis de enfrentamento. Desse modo, recorreu-se à história oral para dar vozes aos entrevistados e por meio delas conhecer a ocorrência da violência na Escola de Tempo Integral Vinicius de Moraes do município de Palmas, no Tocantins. Para a realização desta pesquisa, foram feitas entrevistas com a equipe gestora, professores e alunos da escola: um diretor, dois orientadores educacionais, dois coordenadores pedagógicos, sete professores e sete alunos. A metodologia consistiu no uso do método da história oral temática com entrevistas semiestruturadas, nas quais as análises das narrativas foram fundamentadas na literatura que trata da temática. Na análise das narrativas, parte-se das inferências de ouvir as vozes dos sujeitos no sentido de compreender os tipos de violência que ocorrem na escola, quais são as vítimas, assim como as ações desenvolvidas pela escola para lidar com o problema. Os resultados encontrados acompanham os achados da literatura quanto à compreensão dos entrevistados sobre a violência na escola e os tipos mais frequentes. Segundo as narrativas dos entrevistados, na escola de tempo integral, os tipos mais frequentes foram as violências verbal e física, acompanhadas de *bullying*. Entende-se que a violência que acomete a escola é enfrentada comumente com as ações disciplinares cotidianas, tais como repreensão, encaminhamento à direção e suspensão, não existindo um plano de intervenção de enfrentamento das situações de violência que ocorrem no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Violência na escola. Tipos de violência. Escola de tempo integral. História oral. Narrativas.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil. Professora/ supervisora da rede municipal de Palmas/TO. E-mail: nayjlalane@gmail.com

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFT/Capes. Coordenadora local do Doutorado em Educação PGDEA/Educarorte. Coord. Local do Procad Amazônia/UFT/Capes/UFRN. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

\*\*\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Mestre em Educação Especial e Psicóloga pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: ado\_daniela@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a temática de violência na escola, mais especificamente em uma escola de educação integral, com o intuito de compreender os tipos de violência que se encontram no espaço escolar e as ações utilizadas pela escola para lidar com o problema, considerando a importância do tema para a escola e a comunidade na qual está inserida.

A violência escolar se constitui um problema social que atinge todos (SPOSITO, 2001). As consequências da violência na escola podem provocar danos físicos e psicológicos que envolvem alunos, professores e até funcionários da própria instituição. Nesse sentido, Elias (2011) ressalta que a violência não fere a paz, mas a vida dos envolvidos.

Várias pesquisas têm sido realizadas sobre violência na escola. Algumas tratam da origem e outras buscam compreender como se desenvolve a violência no meio escolar. Algumas dessas pesquisas propõem programas que pretendem resolver ou minimizar a violência na escola (BADIA; POLI; SOUZA, 2014). Sposito (2001) faz um breve balanço sobre a violência escolar no Brasil e destaca que ela é um problema social que deve ser debatido.

Nessa perspectiva, faz-se necessário primeiramente conhecer as diferentes conceituações sobre violência na escola e os tipos encontrados nesse âmbito segundo a literatura. Em seguida, devem-se narrar os diferentes tipos de violência encontrados na escola e, por último, identificar as ações desenvolvidas para enfrentá-la.

A escola é um espaço de interação, aprendizagem e desenvolvimento, sendo um ambiente de aprendizagens significativas que deverá oportunizar descobertas e criatividade (FREIRE, 1996). Segundo Werthein (2002), a escola não é um elemento passivo, mas pode, por meio de ações simples em seu cotidiano, interferir na sua realidade.

Com base na compreensão do espaço escolar, é possível identificar e entender os tipos de violência que nele se desenvolvem. Desse modo, surge o interesse em conhecer a Escola de Tempo Integral Vinicius de Moraes, localizada em Palmas, no Tocantins, que adota a modalidade de ensino integral e pode apresentar diferentes aspectos sobre a violência nesse ambiente. A escola de tempo integral é um campo promissor de descobertas e criatividade para a formação integral do aluno, uma vez que, na sua proposta de educação, "considera o sujeito em sua condição multidimensional e não só na dimensão cognitiva" (GONÇALVES, 2006, p. 130). Nesse ambiente de educação integral, pode surgir a violência. Uma vez que os alunos permanecem mais tempo no espaço escolar, o estresse causado pelas demandas acadêmicas e pela rotina intensa do formato de atendimento na escola de tempo integral pode intensificar conflitos e situações de violência. O fenômeno da violência interfere no processo de formação/desenvolvimento do aluno e pode comprometer o aprendizado e as relações interpessoais dos que dela fazem parte (ROSA, 2010).

## DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Com o intuito de compreender violência na escola, apresentam-se a seguir os conceitos e concepções acerca da temática.

Algumas definições são utilizadas como referência para a compreensão do fenômeno, como a da Organização Mundial da Saúde (KRUG *et al.*, 2002), que a considera como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. A amplitude do conceito pode refletir a complexidade do fenômeno.

Dessa forma, a dificuldade em definir o que é violência já se encontra na etimologia da própria palavra, que vem do latim *violentia* (força, vigor, exercer força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Zaluar (1999, p. 8) esclarece aspectos importantes para a compreensão do fenômeno:

Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite da perturbação (e o sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato violento, percepção esta que varia cultural e historicamente.

Ademais, a autora explica que, quando há uma ruptura no limite das regras que causam sofrimento ao outro, acontece a violência, no entanto ela ocorre de acordo com a percepção histórica e cultural do local em que se manifesta. Nessa perspectiva, a violência se caracteriza também pelo meio e ambiente em que está localizada, cuja interpretação observa ainda as vivências do local onde ela se desenvolve.

Abramovay (2006), ao ter um conceito amplo da violência na escola, diz se alinhar aos conceitos de violência em termos gerais, tais como agressões físicas, verbais e transgressões. A autora infere que não é possível delimitar o conceito e que é preciso deixar de lado conceitos rígidos e restritos que limitam a violência a um ou outro tipo de manifestação. Dentro dessa perspectiva mais ampla na qual a violência na escola sofre influências da sociedade, encontram-se algumas considerações de Elias (2011), que entende a violência na escola como a multiplicidade de práticas heterogêneas que se apresentam juntas e envolvem qualquer tipo de violência que acontece no contexto escolar.

Nesse contexto, Abramovay (2003, p. 21) destaca que a "percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado", e afirma que, tanto no Brasil como no mundo se tem procurado aperfeiçoar o conceito de violência, "considerando a população-alvo, os jovens e o lugar da escola, como instituição".

## TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

O ambiente escolar é habitualmente descrito como um lugar de formação, ensino e aprendizagem. Entretanto, em um contexto permeado por diversas manifestações, em que existem reações interpessoais, há conflito, e, nessa perspectiva, a escola se torna um celeiro para o aparecimento de violências, e identificá-las torna-se um desafio.

A literatura aponta para diferentes tipos de violência encontrados na escola. Abramovay (2003) chama a atenção para a importância de não subestimar as violências encontradas na escola, mesmo as mais corriqueiras.

Primeiramente, encontra-se na literatura a definição de *violência física*, até por ser um tipo de violência que pode ser percebido de forma mais clara. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) define esse tipo de violência como um "ato de agressão física que se traduz em marcas visíveis ou não" (CURITIBA, 2020). Já Silva *et al.* (2012, p. 85) caracterizam a violência na escola "pelo uso da força ou atos físicos praticados entre membros da escola, incluindo alunos". Abramovay (2003) subdivide a violência física em mais um tipo, denominado brigas. As brigas são uma das modalidades mais frequentes na escola; às vezes são iniciadas por um simples conflito que, se não mediado da forma correta, desencadeia desentendimentos que levam à briga. Pesquisas desenvolvidas pela autora revelaram que este tipo de agressão entre alunos manifesta-se primeiro por ataques verbais proferidos por eles. Ela enfatiza que, quando chega a esse nível, é difícil "estabelecer demarcações precisas entre tipos de violência como brigas e ameaças" (ABRAMOVAY, 2003, p. 51). A autora destaca ainda que as brigas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. A dificuldade em demarcar fronteiras precisas entre os tipos de violência se deve ao fato de alguns tipos de violência compartilharem comportamentos comuns, similaridades (ABRAMOVAY, 2003).

Entre os tipos de violência, há a violência verbal, considerada a mais comum e corriqueira no ambiente escolar (ABRAMOVAY, 2003, 2006). A ocorrência de violência verbal no espaço escolar é caracterizada por ameaças e xingamentos. As ameaças, segundo Abramovay (2003), são promessas explícitas que causam danos e ferem a integridade da pessoa física, a moral, a liberdade e os bens do outro. As ameaças podem ocorrer tanto entre alunos e professores como entre os demais funcionários da escola. A autora reforça ainda que as ameaças podem ou não se concretizar em violências físicas, ocorrendo um clima de tensão cotidiano na escola. Esse fator pode causar um clima de insegurança, o que afeta diretamente o desenvolvimento da escola, minando o potencial da instituição em desempenhar o seu papel educativo. Já por xingamentos entende-se "insulto ou ofensa, uma forma de violência verbal, em que geralmente o agressor se utiliza de palavras – verdadeiras ou não, com exageros ou não – que visam humilhar de alguma forma ou atingir um ponto fraco da vítima" (FERREIRA, 1999, p. 722). A violência verbal em forma de xingamento atinge em proporções altas as escolas, e

os índices indicam que esse tipo é o mais recorrente nos ambientes escolares. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), verificou-se que 64% dos alunos entrevistados disseram sofrer esse tipo de violência na escola (ABRAMOVAY, 2006). Assim, como defende Fante (2005), o xingamento é um ato comum entre os meninos.

Segundo Abramovay (2005, p. 122-123), os alunos exercem formas de linguagem corriqueiras, mas que podem ser classificadas como "vulgares e agressivas em sua linguagem cotidiana, incorporando-as à maneira como eles tratam uns aos outros". A autora ressalta que essa linguagem é vista como normal entre os jovens e alerta para a importância de a escola, em sua função social, difundir condutas pautadas pelo respeito e pelas interações positivas.

A pesquisa de Abramovay (2003, p. 125) traz uma lista dos tipos de violência verbal: palavras grossas, grosserias, insultos, discussões, bate-boca, ofensas, palavrões, apelidos feios, difamação, falta de respeito, brincadeiras de mau gosto e xingamentos.

Outro tipo de violência encontrado no ambiente escolar é a violência sexual, que, segundo Abramovay (2003), é entendida como assédio sexual e inclui diversas formas de intimidação sexual, desde olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, propostas, insinuações até desenhos em banheiros, entre outros. Segundo o manual da 1ª Vara da Infância e Juventude do Distrito Federal (2014), podem ser consideradas como violência sexual as práticas que 1. não envolvem contato físico – discussões abertas sobre atos sexuais, que possam despertar interesse ou chocar a criança; telefonemas obscenos; convites explícitos, estímulo à nudez; e outros; 2. envolvem contato físico – passar a mão no corpo da criança, coito, manipulação dos genitais, sexo oral e outros; 3. envolvem violência física – estupro associado à brutalidade ou mesmo a assassinatos e abuso sexual associado ao cárcere privado.

Pode-se dizer que a violência sexual se caracteriza por ser um ato abusivo, que, para Nascimento (2017), é qualquer interesse sexual de um adulto ou mais sobre criança ou adolescente.

A violência psicológica é o tipo mais difícil de ser identificado (CASTRO; BERGAMINI, 2017). Trata-se de qualquer ação que incorra em prejuízo às emoções e diminua a autoestima da criança, de modo a prejudicar o desenvolvimento dela. Esse tipo de violência compromete ou controla as ações e os comportamentos da criança, além de violar as crenças e decisões dela, por meio de ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição frequente, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação da criança (BRASIL, 2006).

Outro tipo de violência encontrado frequentemente no espaço escolar é o *bullying* (WILLIAMS *et al.*, 2011). De acordo com Fante (2005, p. 28), *bullying* é "um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um

ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento". Ele é caracterizado por insultos, agressões, intimidações, gozações e apelidos cruéis que causam angústia e mágoas profundas. Além disso, o *bullying* está associado a hostilizações e acusações infundadas que causam exclusão e dor moral, física e psicológica (FANTE, 2005).

Segundo Nogueira (2007, p. 205), como todo comportamento cruel que é intrínseco às relações sociais, os mais fortes, na prática do *bullying*, convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar de forma repetitiva. Com base nisso, as brincadeiras são tratadas apenas como brincadeiras, mas precisam de um olhar atento, pois, para o autor, essas brincadeiras podem esconder um propósito diferente.

O relatório da Unesco (2017) sobre violência escolar e *bullying* traz dados relevantes. Em sua pesquisa respondida por 100 mil jovens de 18 países, 25% relataram que sofreram *bullying* em decorrência da aparência física, 25% em decorrência do gênero ou da orientação sexual e 25% em decorrência da origem étnica ou nacionalidade. Em face desses resultados, pode-se dizer que o *bullying* não é apenas uma situação cotidiana da escola, mas também um problema que precisa ser enfrentado.

Por fim deve-se mencionar a violência institucional que, segundo o Unicef, "é aquela cometida justamente pelos órgãos e agentes públicos que deveriam se esforçar para proteger e defender os cidadãos" (DIREITOS NEGADOS, 2006, p. 117). Ela pode ocorrer se a composição da escola não tiver uma dinâmica adequada. Como esclarece Viana (2002), esse tipo de violência se manifesta como uma forma de garantir a ordem e disciplina, e, para tanto, utilizam-se variados recursos, como vigilância hierárquica e penalidade disciplinar. O autor esclarece ainda que a instituição, em face do objetivo próprio de controle e formação, pode tomar atitudes que inibam o crescimento pessoal do aluno quanto à sua liberdade de escolha.

## METODOLOGIA

O método utilizado nesta pesquisa foi a história oral. Com o intuito de compreender a violência na escola, foi necessário resgatar as memórias dos sujeitos. Segundo Santhiago e Magalhães (2015), ao lembrarmos os fatos do passado ou mesmo situações recentes, é a ela que recorremos: à memória. Ao mesmo tempo, o método se orienta por um rigor científico e um conjunto de procedimentos planejados expressos num projeto com o intuito de conhecer processos sociais do nosso meio presente (MEIHY, 2010).

A tipologia mais apropriada para a pesquisa foi a história oral temática, que, segundo Alberti (2004, p. 37), é a que "versa prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido". A voz do entrevistado tem grande relevância para a história oral, sendo a mais importante para a construção e o desenvolvimento da temática estabelecida.

Seguindo os procedimentos da história oral, participaram deste estudo 19 sujeitos, com base no interesse do tema e ouvindo as vozes de diferentes agentes dentro da escola. A escolha e a seleção dos sujeitos foram embasadas em Alberti (2004), que salienta a importância na escolha dos participantes da pesquisa, ressaltando que a escolha deve ter a preocupação com a posição do entrevistado no grupo e do significado de sua experiência.

A entrevista é o principal instrumento da história oral para apreensão das memórias dos sujeitos a partir de suas narrativas (MEIHY, 2010). Para a coleta dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado conforme o objetivo do trabalho de pesquisa. E as perguntas foram feitas com base nas categorias que compõem a temática do estudo, como violência na escola, tipo de violência e ações utilizadas pela escola para lidar com ela.

O recorte temporal compreendeu o ano de 2017. Para a consecução da pesquisa, foram feitas entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora, os professores e os alunos da escola: um diretor, dois orientadores educacionais, dois coordenadores pedagógicos, sete professores e sete alunos (19 entrevistados). A realização das entrevistas seguiu os procedimentos da história oral, com transcrição, textualização e solicitação das devidas autorizações.

## **Caminhos da pesquisa**

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e solicitadas as devidas autorizações, fez-se contato com a escola a fim de realizar o convite e apresentar o projeto de pesquisa e os objetivos do estudo. Foi entregue para os alunos um termo de assentimento, que deveria ser apresentado com a devida assinatura de autorização dos responsáveis, para a participação na pesquisa. Os participantes da pesquisa foram 19 sujeitos que frequentavam a Escola Vinicius de Moraes, adaptada para oferecer educação de tempo integral, na cidade de Palmas, no Tocantins.

Quanto à pesquisa de campo, o estudo atendeu aos critérios exigidos, no qual foram coletados dados com os sujeitos por meio de entrevistas semiestruturadas, com base em questionário elaborado previamente pela pesquisadora segundo a temática do estudo. As entrevistas foram gravadas em áudio com assentimento dos entrevistados e responsáveis dos entrevistados menores de 18 anos. Os entrevistados tiveram acesso ao conteúdo gravado, para que atestassem a veracidade de suas vozes e permitissem o prosseguimento do estudo para a análise dos resultados obtidos.

## **Caracterização dos sujeitos**

Quanto aos participantes da pesquisa, a equipe gestora é composta por cinco profissionais, em sua maioria do sexo feminino, que têm entre 34 e 54 anos de idade e trabalham na

escola pesquisada há, em média, 8,51 anos, o que denota conhecimento de sua rotina, sendo majoritariamente profissionais com formação na área em que atuam.

As sete professoras participantes têm entre 31 e 62 anos de idade e um tempo significativo de atuação na escola (média de 13,28 anos), o que contribui para o conhecimento da rotina, bem como do processo de ensino e aprendizagem da instituição. A formação também contempla a área de atuação em sala de aula, o que, *a priori*, demonstra qualificação para estarem na sala de aula.

Os sete alunos entrevistados contemplam o quinto, sexto e oitavo anos, estão na escola há pelo menos 3,7 anos e têm entre 10 e 13 anos de idade. Um elemento a destacar foi o empenho e a seriedade com que cada um dos alunos tratou o tema.

## AS NARRATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Com base nas transcrições feitas, selecionaram-se os aspectos mais relevantes da temática e que atenderam aos objetivos do estudo, configurando as categorias a serem apresentadas a seguir. As narrativas de funcionários e estudantes da escola retratam o tema da pesquisa a partir das vozes dos sujeitos. As discussões expostas contribuem para a compreensão do que ocorre na escola diante do fenômeno da violência.

### Tipos de violência identificados na escola

No que diz respeito aos tipos de violência encontrados na escola, alguns conseguem defini-los claramente, outros apenas fazem citação sobre o que entendem ser um tipo de determinada violência, sinalizam por que existem alguns tipos de violência na escola e ainda evidenciam os mais sérios. Quando perguntada se existem diferentes tipos de violência, a maioria afirmou que sim.

Quanto à equipe gestora e ao grupo de professores, eles apresentaram os seguintes relatos: "Existe, sim, a diferença, né? Eu acredito que a violência verbal, ela afeta mais que a física, porque as crianças às vezes não estão preparadas para ouvir determinadas ofensas até mesmo do professor, né?" (Assis).

Embora de forma simples, o entrevistado corrobora as afirmações de Zaluar (2003), que descreve a violência verbal no sentido das palavras que exercem um forte poder sobre o outro e oprimem e destroem psicologicamente. Em se tratando da escola, onde o uso da linguagem é imprescindível, deve ser feito com muita responsabilidade e com a intenção de contribuir para o crescimento do aluno.

Os relatos seguem com as considerações feitas quanto aos tipos de violência na escola, em que Celestino declara: "Existe o físico, né?, que é quando vai para a agressão física,

tem a violência emocional também através do *bullying*, quando fica falando palavras que magoam".

O diretor diz não saber ao certo como classificar, mas colabora dizendo: "Não sei que forma eu classificaria, mas desde a intensidade até essa questão da verbal, do contato físico, do *bullying* e violência emocional [...] a que mais predomina justamente é a verbal: os xingamentos, a violência emocional" (Tramontini). Quando arguido sobre a temática, Jesus afirmou: "É, tem violência verbal, física, violência psicológica, tem vários tipos de violência... mas as que tem mais são psicológicas, *bullying*, agressões físicas e verbais", assemelhando-se ao relato anterior. Pereira narra o seguinte: "O *bullying*, em questão de apelidos, agressão física e verbal", do mesmo modo que Oliveira: "Existe porque é a violência praticada por eles mesmos, o *bullying*, que é um tema que a gente trabalha muito".

Fernandes demonstra certa incerteza, mas observa que "Existe, né?, violência física, verbal, né?". Como os entrevistados anteriores, Moraes também fala da violência física, verbal e emocional: "Eu acho como agressão física, verbal, emocional que pode acontecer de uma palavra mal falada, eu acho que a agressão verbal, acho que é a mais presenciada".

Nesse ponto dos relatos, os entrevistados citam a violência verbal, física, emocional ou psicológica, e vários deles a relacionam com o *bullying*.

Isso remete a Castro e Bergamini (2017), quando afirmam que, muitas vezes, a violência se confunde e os tipos se entrelaçam. Para as autoras, a violência emocional ou psicológica pode surgir com a violência verbal, permeando o *bullying*, assim como pode acompanhar a violência física.

Seguem os relatos dos demais entrevistados.

A professora Costa, ao citar os tipos de violência na escola, assevera que o fato de o aluno se sentir excluído também é violência: "Sim, a violência física, verbal às vezes, e muitas vezes nem precisa de palavras e nem agressão física, ele se sente excluído [...] para mim o *bullying* é o que predomina, teve caso de criança sair da escola por sofrer isso". Já Barbosa discorre a respeito dos tipos, de acordo com os outros entrevistados: "Existem vários tipos, é físico, psicológico, as agressões, xingamentos". Teixeira não só afirma a existência de tipos diferentes de violência, como também esclarece, do seu ponto de vista, como cada um funciona:

Agressão física e a violência verbal, é a questão de não respeitar o outro, xingar dói da mesma forma que a física [...]. A que mais se destaca é a verbal, a questão de apelidar o outro, e por mais que a escola trabalhe, são adolescentes, não aceitam, eles falam como brincadeiras, mas quem está sofrendo não acha que seja uma brincadeira.

Percebe-se, na visão dos entrevistados, que existem diferentes tipos de violência. Eles citam os tipos de violência em relação às suas experiências na escola, apontando que as predominantes são a violência física, a verbal e a psicológica, confirmando os achados na

literatura quanto aos tipos mais frequentes de violência na escola (SPOSITO, 2001; CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004; GUIMARÃES, 2005; MEDRADO, 2010).

Nos relatos apresentados a seguir, fica perceptível que a compreensão dos entrevistados no que tange aos tipos de violência coloca as situações de violência em contexto amplo, em uma visão do todo que ocorre na escola, como relata Ribeiro: "Ela se caracteriza por situações menos graves, médias e muito graves, não tem como dizer que elas são iguais". Diferentemente dos outros entrevistados, ela apresenta uma concepção quanto aos níveis de violência e não quanto aos tipos.

Na perspectiva dos alunos, os relatos, apesar de serem objetivos e simples, referem-se aos tipos de violência na escola. É perceptível que os alunos, ao falarem dos tipos de violência, associam-nos ao que comumente presenciam e ouviram falar.

A aluna Guimarães diz o seguinte: "Tem todo tipo, violência verbal, *bullying*, bater na mulher, um monte de coisa". Já o aluno Lopes é mais objetivo e cita dois tipos: "Sim, tem violência verbal e física". Martins traz uma resposta mais específica e cita exemplos: "Sim, existe física, verbal, a maioria das vezes quando acontece briga aqui, é físico, tem gente que fica provocando o outro, aí o outro não gosta, aí acaba dando confusão". Para Souza, toda violência é sexual e envolve briga: "Não, para mim todo jeito, é violência sexual, tem violência de briga". O aluno Silva também considera os tipos de violência de uma forma mais geral: "Na minha opinião, tudo é violência, então é tudo errado". Da mesma forma Rezende afirma que existe a violência física de "Bater nos colegas" e Macedo observa: "As violências que eles começam a brigar, que começam a xingar um o outro, xingar a mãe dele".

No que diz respeito aos tipos de violência encontrados no ambiente escolar, ficou perceptível que a maioria dos alunos faz referência às violências física e verbal. Esse fato nos remete à pesquisa desenvolvida por Abramovay (2003, p. 62), em que a autora relata o seguinte: "A violência física foi a que mais atingiu todos os grupos de vítimas, seguindo-se a violência contra a propriedade. Por último, veio a violência verbal, a qual, na maioria das vezes, passa despercebida como forma de violência". Outros tipos de violência citados pelos alunos foram *bullying* e violência sexual.

Particularmente quanto à violência sexual, apenas uma entrevistada menciona esse tipo de violência em dois momentos da entrevista. Como mencionado anteriormente, os sujeitos, ao tratarem sobre violência na escola, sugerem relatar situações observadas ou vivenciadas por eles. Portelli (2010, p. 4) destaca: "A entrevista não é um ato de extrair informações, e sim o abrir-se de um espaço de narração, um espaço compartilhado de narração, em que a presença do historiador oferece ao entrevistado alguém que está ali para escutá-lo, coisa que não lhe ocorre com frequência".

Pode-se sugerir que, independentemente de apenas uma entrevistada ter feito menção à violência sexual, ela tenha visto ou vivenciado uma situação envolvendo tal violência, e a entrevista proporcionou um espaço para que ela pudesse falar a respeito do que viu ou viveu.

Assim, de acordo com os dados coletados na pesquisa quanto aos tipos de violência, as violências verbal e física foram as mais citadas por eles, embora tenham aparecido o *bullying*, a violência emocional ou psicológica e a violência sexual.

No entanto, percebeu-se, nessa categoria, um diferencial interessante: quando um dos entrevistados aponta como violência o fato de o aluno se sentir excluído, o que remete a Abramovay (2015, p. 8) quando afirma o seguinte: "A escola possui seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social [...] são os que não conseguem responder às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar".

### **Vítimas de violência na escola**

Quando questionados se já sofreram algum tipo de violência na escola, alguns dos entrevistados responderam afirmativamente e descreveram as situações.

No sentido de ampliar as discussões sobre a violência na escola, Stelko-Pereira e Williams (2010) esclarecem que muitas vezes os envolvidos em situações de violência escolar desenvolvem diversos papéis, sejam de autores ou mesmo de alvos, e, em alguns casos, a vítima pode se tornar agressor, embora comumente associados a casos de *bullying*, o que pode ocorrer com outros tipos de violência.

Destacam-se alguns relatos dos profissionais, como o da professora Pereira: "Já, este ano não, mas no ano passado sim, sofri xingamentos por parte de alunos. Ou de modo indireto, como relata a professora Costa: "Já violência meio indireta, quando a gente ouve que um aluno xingou você, sem nem você saber". Outros entrevistados relataram o seguinte:

Às vezes, naquele momento de raiva de fazer alguma tarefa, pode ter falado baixinho, mas não de ter enfrentado o professor aqui na escola não conheço, assim as discussões de ideias, mas nada que venha a agressão física, as ideias entram em conflito, mas nada tem a discussão, no entanto no final do dia fica todo mundo legal (Teixeira).

Já, aí você me pergunta quando era aluno ou agora na direção? Agora na direção, sinto um grande respeito dos alunos, mas eu sei que é comum os alunos que não respeitam, a questão do xingamento, como professor tinha mais desrespeito, como diretor pouco, mas sempre quando viro as costas tem os xingamentos (Tramontini).

A professora Assis traz um relato destoante ao inferir que já sofreu violência em relação aos colegas de trabalho: "Olha com aluno não, mas, com colegas sim, violência verbal, de exclusão". Da mesma forma outros relatos denotam essa violência sofrida entre os colegas e da instituição:

Já, já sofri violência até de colegas, porque às vezes tenho uma forma de falar que não sou compreendida, principalmente no papel de supervisora, então na hora de cobrar o baixo rendimento dos alunos, no planejamento, levam para o lado pessoal, e colocam palavras que não falei, e isto é uma forma de violência (Barbosa).

Eu vejo assim, a gente sofre violência muitas vezes, lá no fundo... A escola é um ambiente que muitas vezes tem fofoca, a gente fala de um jeito e entendem de outro, quando você vê os grupinhos fechados, esse grupinho outras vezes muitas pessoas não falam as coisas pra você, tem problema comigo e vai lá na direção e fala, vejo muita gente que vai lá no diretor falar alguma coisa que nem precisava saber... A gente de uma forma ou de outra sofre violência... (Oliveira).

Eu considero que sim, porque no momento que eu escuto de um colega de trabalho que o que a gente está fazendo no dia a dia, todo o esforço, todo o trabalho não surte os efeitos esperados, só que eu estou sendo maleável com minhas palavras, até um pouco mais sério que isso, quando dito em uma reunião no coletivo, isso pra mim é uma agressão (Ribeiro).

Esse dado chama a atenção na maioria dos relatos dos profissionais da escola, mostrando que a violência ocorre também entre os colegas de profissão, seja na linguagem, nas palavras, nas ações que podem gerar uma violência simbólica. Segundo Zaluar e Leal (2001, p. 2): "Não se pode esquecer, entretanto, a fronteira entre violência física, que oprime pelo excesso de força corporal e armada, e a violência simbólica, que exclui e domina por meio da linguagem". Assim, a violência não está associada apenas aos atos físicos e corporais, mas também à forma como nos relacionamos com os nossos iguais.

A literatura apresenta os professores como vítimas de alunos, pais e outros funcionários (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2009), além do próprio sistema institucional que cobra metas, prazos, relatórios e determinações vindas de cima, sem seu envolvimento e participação na elaboração (ASSIS; AVANCI, 2010). Desse modo, o professor pode ocupar um duplo papel como autor e vítima da violência. Assis e Avanci (2010, p. 74) descrevem essa relação, em que o professor, "de um lado, como representante do poder, exerce o papel de dominador; de outro, o papel de dominado, submetendo-se a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidas, em que os aspectos organizacionais administrativos se sobrepõem à pedagogia". Como pode se observar, esse tipo de violência é mais difícil de ser percebido. A violência institucional ou simbólica envolve mecanismos coletivos que podem levar ao sofrimento dos indivíduos (ZALUAR; LEAL, 2001).

Já na perspectiva dos alunos da escola, apenas três dos sete entrevistados relataram sofrer violência na escola. Os estudantes expressam seus sentimentos quanto à situação que viveram:

*Bullying*, violência verbal, violência de agredir a pessoa, porque quando eu era pequena eu já sofri *bullying*, e minha mãe sempre me explicou que *bullying* é uma coisa que ela não admite falar isso comigo, alguns adultos falava que eu era bonitinha, [...] aí quando eu cresci o povo falava que eu era feia, que era gordinha, que não sei o que, minha mãe não permitia, na creche ninguém falava isso, agora quando cheguei na escola começou o *bullying* de novo, falavam que eu era feia, tinha cabelo de Bombril, que eu era uma raquete, porque meu nome é Raquel, e eu não gosto disso (Guimarães).

Trevisol e Uberti (2015) esclarecem que o *bullying* é um reflexo de que existem conflitos. Uma vez que essas diferenças permeiam os envolvidos, geralmente o comportamento da testemunha, do autor, do alvo se relaciona com a leitura que se faz e do que ocorre à sua volta.

Dois alunos relatam também situações em que sofreram violência:

Já, de um menino, sem querer eu esbarrei nele, eu pedi desculpa aí ele ficou me empurrando, aí ele foi e me deu um murro (Lopes).

Já, os meninos da minha sala fica me chamando que eu sou amiga do cão (Souza).

Nessa categoria, ficam perceptíveis os casos de violência que ocorrem na escola, como o *bullying*, a violência física e a violência verbal. Diante das situações de violência, tanto presenciadas como as sofridas pelos entrevistados, reafirma-se a necessidade de intervenção, no sentido de enfrentamento das violências encontradas na escola.

## **Ações e intervenções realizadas na escola**

Os funcionários da escola, quando questionados a respeito das ações que a escola desenvolve, se existe algum projeto, relataram o que é desenvolvido e fizeram sugestões de ações. O professor Pereira descreve: "São feitas reuniões individuais com os pais, tem a ficha do FOI<sup>1</sup> (Ficha de Orientação Individual), tem o projeto do Proerd<sup>2</sup>, que é uma parceria com a polícia militar". Ainda nessa temática, a professora Costa afirma: "O que é sempre feito são palestras com o apoio de parcerias com pessoas que vêm na escola, quando a gente vê que está aumentando, traz alguém de fora para conversar, um especialista na área, tudo é realizado com parcerias, por meio de projetos". A professora Celestino relata que aproveita o calendário

---

1 - Ficha utilizada pela orientação escolar para acompanhamento do aluno (informação extraída da secretaria da escola).

2 - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), desenvolvido pela Polícia Militar do Tocantins.

da escola para falar sobre *bullying*: "Teve os jogos estudantis e coloca cartaz contra o *bullying* e é falado no dia a dia também, né? Pelo menos na minha sala é falado, mas assim um projeto determinado pra isso ainda não tem, tem ações". Na mesma direção, os três entrevistados fazem seus relatos e justificam a não realização de projetos:

Hoje, esse ano, ainda não fizemos, foram feitas já essa de chamar palestrantes e tudo, e agora pro segundo semestre, era pra ser nesse primeiro semestre, mas não deu certo (Tramontini).

A princípio como nós chegamos agora recentemente, né?, nós temos diversas ações, mas não fizemos nada específico sobre a violência, mas é uma questão a se pensar (Ribeiro).

[...] olha, projeto nós não temos, as ações vão sendo feitas à medida do que acontece, sistematizando assim um projeto, a gente ainda não tem (Fernandes).

Os entrevistados apresentados a seguir também fazem suas considerações em relação às ações da escola:

Olha, foi sugerido uma reunião pedagógica, já tem todo mês, fazer uma equipe pra estudar isso junto com SOE<sup>3</sup>, porque o SOE daqui da escola fica bombando o tempo todo, muito problema que envolve o aluno não só de indisciplina, mas também de aprendizado, da responsabilidade dele também e da família, então assim é complicado, como a escola é de tempo integral, a demanda é muito grande. Tem vez que o menino vem no SOE de manhã e de tarde vem de novo, dá nem tempo dele ir pra casa e pensar, e ele já fez outra coisa (Oliveira).

Hoje não, mas já teve, já teve a parceria com a polícia metropolitana que fizeram palestra contra o *bullying*, trouxeram *slides*, fizeram um trabalho muito bom, eles estão até sumidos, que, de acordo com eles, a nossa não é das piores, então deixaram de fazer esse trabalho aqui pra fazer em outras escolas, mas existe, sim, e a gente sempre está trabalhando, fazendo palestras para esses meninos mesmo, tem que ler livro pra ver o quanto magoa o apelido, pra mim o pior é o apelido (Teixeira).

Segundo Stelko-Pereira e Williams (2009), um passo importante para promover a intervenção é o reconhecimento das situações de violência na escola pelos que dela fazem parte. Assim, apreende-se, nos subitens anteriores, que os envolvidos na escola compreendem

---

3 - Refere-se ao Serviço de Orientação Educacional da escola. Comumente a sigla SOE é usada em todas as escolas municipais de Palmas (informação obtida na Secretaria Municipal de Educação).

esses pontos, o que propicia o desenvolvimento de ações de prevenção e intervenção para o enfrentamento das violências encontradas na escola.

Nessa questão, com base nos relatos da maioria dos entrevistados, a escola não tem projeto cujo objetivo seja diretamente o enfrentamento da violência, apenas ações isoladas. Geralmente são os professores que se movimentam de alguma forma para promover palavras a respeito do tema, e ações mais pontuais para enfrentar a violência partem do Serviço de Orientação Educacional (SOE). Trata-se de ações comuns no dia a dia da escola, que se restringem a resolver situações de conflito entre alunos, de forma imediatista, o que revela a necessidade de intervenções mais contundentes em relação à temática da violência na escola.

No entanto, alguns dos entrevistados citaram projetos que já foram realizados na escola e que julgam ser condizentes com a temática da pesquisa:

Nesse caso, entra o trabalho do *bullying*, sim, tem o projeto da professora<sup>4</sup>, fez tem pouco tempo, estava trabalhando nesse projeto (Moraes).

Tem também um projeto chamado *Cativar*<sup>5</sup>, onde um aluno ajuda o outro, consegue uma harmonia grande entre eles (Assis).

A coordenadora relata um projeto interessante que foi realizado na escola sobre violência:

Teve o da feira de ciência, que o professor Rodrigo e Elisabete desenvolveram nesse segundo bimestre como pesquisa e projeto, onde trabalharam com as meninas sobre os tipos de violência; o que era violência e quais os tipos de violência, foi um projeto diferente, que eu saiba só houve esse, mas agora em agosto nós, professores, vamos fazer um grupo de estudo para ver como resolver os conflitos em sala de aula, porque tem muito conflito nos 6º anos e na turma 32-04 (Barbosa).

O projeto executado na feira de ciências da escola tinha como objetivo conscientizar os alunos sobre a importância de conhecer e reconhecer a violência dentro da escola e assim ajudar no combate dela.

Já o *Cativar* é um projeto de relevância, pois instiga o cuidado e o companheirismo que podem ser desenvolvidos nas relações entre os alunos, como descrito no projeto político-pedagógico da escola.

---

4 - Projeto desenvolvido pela professora de música com apoio da guarda metropolitana sobre *bullying*, dentro dos temas interdisciplinares (dados recolhidos na coordenação da escola).

5 - Projeto que tem por objetivo trabalhar o cuidado e o bom relacionamento entre os alunos (dados obtidos na escola).

Isso denota o interesse dos professores pela temática, o que já é um passo em direção à prevenção e ao enfrentamento da violência.

Segundo a coordenadora pedagógica, para amenizar a violência na escola, "Será preciso pensar ações dentro do projeto político-pedagógico para o segundo semestre de 2018, além de rever e fundamentar novas ações para 2019, em especial ações que tratem da violência psicológica" (Barbosa). A coordenadora afirma que a escola ainda não possui instrumentos para abordar o problema de forma imediata.

A professora Teixeira aponta o seguinte: "A escola poderia ter algo mais lúdico, tipo teatro, quando vem algo lúdico, chama mais a atenção deles".

Sobre a existência de projetos na escola referentes à violência, uma aluna afirma não saber bem: "Acho que já, mas não sei, não". A aluna Macedo expõe não saber se já fez projeto, mas sugere que deve ter "mais um pouquinho de respeito entre todos". Entretanto, outros alunos relatam algumas ações, como Guimarães: "Na escola já vi um projeto das mulheres entregando o negócio do *bullying*, preconceito, sobre esses negócios de abuso sexual". A mesma aluna sugere ações como "fazer muitos cartazes, informando a respeito da violência na escola". Silva afirma: "Sim, o Proerd nos ensina várias coisas e nos ensina a não usar drogas". E Lopes diz: "Palestra tem, sobre *bullying*, essas coisas aí". Já Martins apresenta mais detalhes sobre as ações desenvolvidas na escola:

Sim, sobre a violência tem o projeto dos monitores, tem uma ficha de ocorrência individual, o FOI, aí tem as ocorrências positivas e negativas. Se forem positivas, se tiver se destacando nas aulas, os alunos "tiver" fazendo os deveres; e as negativas quando não trazem o livro, quando é pra trazer, briga, xinga o professor, assim providências são tomadas e o professor faz um acordo com o aluno, quando a ocorrência é positiva já tem lá no FOI, a maioria das vezes é negativa, porque a maioria dos alunos ficam bagunçando na sala.

Para Gomes (2013, p. 106), a violência na escola é "prevenível e evitável", podendo assim ser superada, o que dependerá de "programas, projetos e ações de prevenção que busquem enfrentar as causas e interferir nos fatores que estimulam e favorecem a ocorrência do fenômeno".

Sobre as ações, a aluna Souza considera que "regras mesmo, e chamar os pais". A estudante afirma o seguinte: "Fazendo muito cartaz e os professores falando sobre o problema, muitas coisas que podem ser feitas".

A aluna Silva observa que "as pessoas deviam tocar na própria consciência e pensar, porque ela não gostaria de ser agredida, e é muito errado". Lopes considera que "palestras sobre *bullying*" seriam importantes para amenizar a violência na escola. A aluna Barbosa afirma que somente "ter mais um pouco de respeito" seria necessário. E Martins concorda que "realizar mais projetos, efetivar as regras e monitorar a escola" seriam boas medidas de intervenção contra a violência.

Stelko-Pereira e Williams (2009) enfatizam que, para a prevenção da violência na escola, todos precisam estar envolvidos. É necessário um grupo organizado que represente a comunidade escolar e que se baseie em dados da própria instituição.

A violência no ambiente escolar pode ser considerada como um problema de saúde pública, conforme Kappel *et al.* (2014), que realizaram um estudo com 27 participantes, como diretor, professores, alunos e serviços gerais, e todos afirmaram que a violência existe dentro da escola e há várias tipologias. Algo semelhante ocorre na escola Vinicius de Moraes, conforme relato da equipe gestora e dos estudantes que participaram desta pesquisa.

Um fator que deve ser repensado refere-se às regras e às ações de combate à violência que precisam ter clareza para todos os envolvidos, uma vez que não aparece como objetivo estratégico no projeto político-pedagógico o combate à violência escolar.

Kappel *et al.* (2014, p. 728) afirmam que o não reconhecimento dos procedimentos adotados na instituição pode contribuir para a perpetuação de práticas agressivas, para o não entendimento acerca das consequências dos atos realizados e para o fortalecimento da crise de autoridade existente nos dias atuais.

Indiscutivelmente, ações de combate à violência na escola devem ser realizadas em conjunto por profissionais, estudantes e comunidade, de forma que a violência da rua não adentre a escola e que a violência da escola seja minimizada ou quiçá banida.

Assim, todos os entrevistados na pesquisa mostraram boa participação e interesse pela temática da pesquisa, trazendo e fazendo considerações importantes e interessantes para o estudo, quanto ao entendimento do que seja violência na escola.

Já na categoria tipos de violência, os entrevistados reconhecem que existem tipos diferentes de violência na escola e conseguem identificá-los; uns apenas citam os tipos encontrados, enquanto outros já citam e dão exemplos de como acontecem na escola. Percebe-se, no entanto, que, quanto aos tipos de violência na escola, alguns não conseguem identificá-los dentro de suas categorias, o que é compreensível, dado que a própria literatura diz que a violência se confunde e os tipos se entrelaçam, como a violência emocional e a psicológica, que podem aparecer com a violência verbal, interligadas ao *bullying*, assim como a violência física (CASTRO; BERGAMINI, 2017).

Quando instigados sobre as situações de violência na escola, os entrevistados relataram já ter presenciado situações de violência, como violências física, verbal e psicológica, enquanto outros já especificaram comportamentos, como xingamento, briga, chute, entre outros, mostrando que compreendem as situações de violência que ocorrem no ambiente escolar.

Sobre o fato de já terem sido vítimas de violência na escola, dos 19 entrevistados, 12 afirmaram que sim. Um dado instigante e relevante nessa categoria da pesquisa está no resultado das entrevistas da equipe gestora da escola, em que dois entrevistados afirmaram sofrer violência por parte dos colegas de trabalho, destacando, nesse sentido, as violências verbal e

psicológica, como parte da violência simbólica e institucional que permeia a instituição escolar. Já dos sete alunos entrevistados, apenas três informaram sofrer violência na escola, com as violências física e verbal.

Por fim, quando arguidos a respeito das ações de enfrentamento da violência na escola, a equipe gestora e os professores mostraram preocupação e interesse, relataram ações que a escola já realizou, bem como sugeriram ações para o enfrentamento da violência na escola. Alguns alunos conseguiram relatar ações que a escola já realizou, mas nem todos mostraram disposição para participar de projetos de enfrentamento da violência na escola.

Com base nas pesquisas realizadas na literatura e nas entrevistas realizadas com os sujeitos da escola, compreende-se que a temática violência na escola é de suma importância e relevância social, uma vez que a existência da violência nesse espaço acarreta situações que afetam física, emocional e psicologicamente todos os envolvidos, o que interfere diretamente na saúde e no aprendizado dos alunos e da equipe.

A escola é um ambiente em que existem vários tipos de violência, e as situações recorrentes precisam ser questionadas no dia a dia para que possam ser enfrentadas. É imprescindível que a comunidade escolar se preocupe em desenvolver ações que levem à minimização ou até mesmo à erradicação da violência dentro do ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar as formas de violência na escola é vital para o enfrentamento delas. Conhecê-las contribui para ampliar o olhar e a compreensão de como elas ocorrem e como afetam o dia a dia dos alunos e de todos que fazem parte da comunidade escolar.

O caminho percorrido pela pesquisa buscou compreender a violência que se manifesta no espaço escolar, mais especificamente na Escola de Tempo Integral Vinicius de Moraes, em que os sujeitos da pesquisa potencializaram o entendimento e contribuíram narrando suas experiências a respeito da temática.

Ante os resultados, as narrativas dos participantes, apesar de não apresentarem um consenso, compartilham diferentes comportamentos que denotam compreensão sobre a violência na escola, abrangendo desde o desrespeito aos direitos até a violência física. Com relação aos tipos de violência na escola, os sujeitos relataram comportamentos que aludem e fazem referências às suas vivências. A maioria cita as violências verbal e física como as mais frequentes, compartilhando os achados da literatura (ABRAMOVAY, 2002). Cabe ressaltar que um dos achados importantes da pesquisa é a violência que ocorre entre os próprios professores, e o que torna o dado relevante são os relatos dos professores como vítimas de violência dos colegas, que decorre das situações do dia a dia dentro da escola, como fofocas, violência verbal, violência simbólica, entre outras ocorrências.

Partindo desse pressuposto, compreender os tipos de violência encontrados na escola foi fundamental para que ações de intervenção pudessem ser levantadas neste trabalho, em que a pesquisa aconteceu em um processo de construção em direção aos objetivos propostos.

Assim, no decorrer da pesquisa, pôde-se observar, nos relatos dos sujeitos, que a escola, ao enfrentar a violência que surge, utiliza-se de ações disciplinares pontuais, como encontrado no estudo de Gomes (2013). O autor reporta que, quando a escola trata do fenômeno violência, "não dispõe de outras ações alternativas a não ser as de repreender, encaminhar para a direção, suspender [...]" (GOMES, 2013, p. 47). Diante dessa realidade, pode-se dizer que, embora as ações de enfrentamento sejam aquelas que fazem parte da rotina da escola, com base em ações padronizadas, não há inovações no sentido de atuar conforme a necessidade e realidade atuais. Os sujeitos da pesquisa destacam nos seus relatos a importância de desenvolver ações de prevenção e enfrentamento da violência. A literatura sobre prevenção à violência na escola ressalta que existem diferentes programas, entretanto é importante que a escola crie seus próprios meios de enfrentá-la, considerando a sua realidade (GOMES, 2013).

Contudo, dentre os diversos percursos e anseios, a pesquisa trouxe um novo aprendizado, destacando outras oportunidades de pesquisas futuras, como uma análise comparativa de diferentes aspectos da violência em escolas de tempo integral e de tempo regular.

A relevância deste trabalho de pesquisa pode ser atribuída ao fato de a violência acontecer diariamente, e ela não pode ser tratada apenas como mais um problema rotineiro, mas como algo que precisa ser visto e enfrentado dentro e fora do ambiente escolar.

## **Narratives on violence at school: a case study in the Vinicius de Moraes Integral Time School of Palmas, in Tocantins**

**Abstract:** The present research deals with violence at school, more specifically in a full-time school of education, in order to understand the types of violence that are found in this school space and the actions used by the school to deal with the problem. The survey of the types of violence that affect the school is relevant to understand how these affect the school community of this modality of education, and then think about possible actions of confrontation. In this way, oral history was used to give voices to the interviewees and through them to know the occurrence of violence in the Vinicius de Moraes Integral School of the municipality of Palmas, Tocantins. To carry out this research, we conducted interviews with the management team, teachers and students of the school: a director, two educational counselors, two pedagogical coordinators, seven teachers and seven students. The methodology consisted in using the thematic oral history method with semi-structured interviews, in which narrative analyzes were based on the literature, which deals with the theme. In analyzing the narratives one starts from the inferences of listening to the voices of the subjects in order to understand the types of violence that occur in the school, which are the victims, as well as the actions developed by the school to deal with the problem. The results found accompany the findings of the literature regarding the interviewees' understanding

of violence at school and the most frequent types of violence. According to the narratives of the interviewees, in the full-time school, the most frequent types of violence were verbal violence, and physical violence, accompanied by bullying. It is understood that the violence that affects the school is commonly faced with daily disciplinary actions, such as reprimand, forward to the direction, suspension, and there is no intervention plan to address the situations of violence that occur in school.

**Keywords:** Violence in school. Types of violence. Full-time school. Oral history. Narratives.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, C. *Caleidoscópio das violências nas escolas*. Brasília: Editorial Abaré, 2006.

ABRAMOVAY, M. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: Unesco, 2006.

ABRAMOVAY, M. *Escola e violência*. Brasília: Unesco, 2002.

ABRAMOVAY, M. *Programa de prevenção à violência nas escolas*. Violências nas escolas. Brasília: Flacso Brasil, 2015.

ABRAMOVAY, M. *Violências nas escolas*. Brasília: Unesco Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/Aids do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2003.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. *Drogas nas escolas*. Brasília: Unesco: Rede Pitágoras, 2005.

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ASSIS, S. G.; AVANCI, C. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação: Fiocruz, 2010.

BADIA, D. D.; POLI, A. P.; SOUZA, N. C. A. S de. A temática da violência escolar na formação docente inicial: das lacunas existentes às discussões necessárias. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 19, n. 3, p. 171-184, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 7 ago. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/-ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/-ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 18 jul. 2011.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. *Juventude e sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004.

CASTRO, P. D.; BERGAMINI, C. Violência psicológica tem difícil diagnóstico e causa danos graves. *Com Ciência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, versão *on-line*, 2017. Disponível em: <http://www.comciencia.br/violencia-psicologica-causa-danos-graves-ainda-pouco-estudados/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CURITIBA (Estado). Ministério Público do Paraná – MPPR. *Criança e adolescente*. Tipos de violência. 2020. Disponível em: <http://crianca.mppr.mp.br/pagina-2148.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

DIREITOS NEGADOS: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil. Organização Fundo das Nações Unidas para a Infância: coordenação Helena Oliveira. 2 ed. Brasília, DF: UNICEF, 2006.

ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática Educadores, 2011. 95 p.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. São Paulo: Verus, 2005. 224 p.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, C. B. *Violência nas escolas: uma realidade a ser transformada*. Curitiba: Juruá, 2013.

GONÇALVES, A. S. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. *Caderno Cenpec*, v. 1, n. 2, p. 129-135, 2006.

GUIMARÃES, Á. M. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

KAPPEL, V. B. *et al.* Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Revista Interface, Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 18, n. 51, p. 723-735, 2014.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. (ed.). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MEDRADO, H. I. P. *Violências: do cotidiano à instituição escolar: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Porto Ideias, 2010.

- MEIHY, J. C. S. B. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- NASCIMENTO, I. R. G. do. Violência Sexual: Entendimentos e Inconclusões. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, Paraíba, v. 2, n. 2, suplementar, p. 824-828, set. 2017.
- NOGUEIRA, R. M. C. del P. de A. *Violência nas escolas e juventude: um estudo sobre bullying escolar*. 2007. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PORTELLI, A. História oral e poder. *Mnemosine*, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.
- ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o ensino e aprendizagem. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, v. 8, n. 8, p. 143-158, jul./dez. 2010.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica 2015. 206 p. (Coleção Práticas docentes).
- SILVA, C. E da et al. Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 83-93, jan./jun. 2012.
- SILVA, F. R.; ASSIS, S. G. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. 1-13, 2018.
- SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001.
- STELKO-PEREIRA, A. C. S.; WILLIAMS, L. C. de A. Ações para prevenção de violência escolar. In: WILLIAMS, L. C. A.; PADOVANI, R. C.; ARAÚJO, E. A. C.; STELKO-PEREIRA, A. C.; ORMEÑO, G. R.; EISESTEIN, E. (org.). *Fortalecendo a rede de proteção da criança e adolescente*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009. p. 59-65.
- STELKO-PEREIRA, A. C. S.; WILLIAMS, L. C. de A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia*, v. 18, n. 1. p. 45-55, 2010.
- TREVISOL, M. T. C.; UBERTI, L. *Bullying na escola: a compreensão do aluno no papel de testemunha*. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 164-176, set./dez. 2015.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION (UNESCO). *School violence and bullying: global status report*. 2017. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/587f37154.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- VARA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE DO DISTRITO FEDERAL. *Violência sexual contra crianças e adolescentes*. Brasília: TDJFT, 2014. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/publicacoes/edicoes/manuais-e-cartilhas/colecao-conhecendo-a-1a-vij-do-df/violenciaSexual.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

VIANA, N. *Violência e escola*. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

WERTHEIN, J. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Organização Eric Debarbieux e Catherine Blaya. Brasília: Unesco, 2002.

WILLIAMS, L. C. de A. *et al.* Efeitos a longo prazo de vitimização na escola. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 4, n. 2, p. 187-199, jul./dez. 2011.

ZALUAR, A. *O contexto social e institucional da violência*. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa das Violências do Instituto de Medicina Social da UERJ, 2003.

ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 45, p. 146-164, fev. 2001.

Recebido em abril de 2019.

Aprovado em setembro de 2019.